



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA-UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

SÍLVIA TATIANA DO CARMO WILL

**O PRESENTE E O PASSADO NA POESIA SÃO-TOMENSE: O ESCRITOR  
COMO CRÍTICO SOCIAL ANTES E DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA**

REDENÇÃO – CE

2017

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA-UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

SÍLVIA TATIANA DO CARMO WILL

O PRESENTE E O PASSADO NA POESIA SÃO-TOMENSE:  
O ESCRITOR COMO CRÍTICO SOCIAL ANTES E DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

REDENÇÃO – CE

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Will, Sílvia Tatiana do Carmo.

W677p

O presente e o passado na poesia são-tomense: o escritor como crítico social antes e depois da independência / Sílvia Tatiana do Carmo Will. - Redenção, 2017.  
56f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto De Humanidades E Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro.

1. Literatura. 2. Aíto Bonfim. 3. Alda Espírito Santo. 4. Conceição Lima. 5. São Tomé e Príncipe. 6. Crítica social. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 800

---

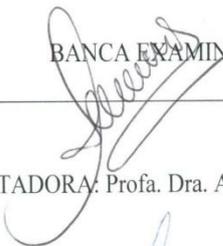
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA-UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

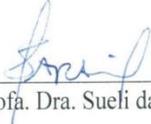
SÍLVIA TATIANA DO CARMO WILL

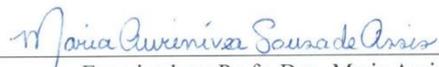
Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

BANCA EXAMINADORA

  
ORIENTADORA: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

  
Examinadora: Profa. Dra. Sueli da Silva Saraiva

  
Examinadora: Profa. Dra. Maria Aurinívea Sousa Assis

## **DEDICATÓRIA**

À minha querida avó, por, desde sempre, ser a minha Professora.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por permitir que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha avó, Maria Ricardina Quaresma Cravid Will, pelos ensinamentos, por acender em mim esse fascínio pela literatura e por contribuir, significativamente, na construção da pessoa que sou hoje.

Aos meus familiares pelo apoio incondicional, em especial aos meus pais, Ana Cristina do Carmo Will e Osvaldo Sílvio do Cravid Will. Não poderia esquecer de agradecer aos meus irmãos pelo companheirismo e cumplicidade, em particular, Osvaldo Will e Lezinaide Will, e a minha tia Maria Natércia Cravid Will, pelo incentivo constante.

À minha orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> Andrea Cristina Muraro, pelo apoio, atenção e orientação durante o momento embrionário dessa pesquisa até a fase “final”. Espero que essa parceria que começou com essa pesquisa inicial possa perdurar em outras estradas da vida.

Aos membros da banca que se disponibilizaram em contribuir para a construção dessa pesquisa. A vossa contribuição é extremamente importante para a concretização desse trabalho.

Aos meus professores, durante todo o meu percurso acadêmico, desde o ensino primário, que contribuíram para o meu crescimento intelectual e influenciaram para que a chama do interesse pela literatura permanecesse sempre acesa, principalmente os professores(as) de língua portuguesa, os principais culpados por essa paixão desenfreada pela leitura e escrita.

Aos meus professores que me conduziram ao caminho de pesquisa, durante a minha trajetória na Unilab, em especial a professora Dr.<sup>a</sup> Léia Cruz de Menezes pelos ensinamentos durante todos os anos como bolsista PET-HL da Unilab, a professora Dr.<sup>a</sup> Cláudia Ramos Carioca, por me mostrar a pesquisa no universo da linguística. Ao professor Dr.<sup>o</sup> João Batista Pereira e professor Dr.<sup>o</sup> Rodrigo Ordine Graça, que despertaram mais o meu interesse pelo estudo teórico da literatura.

Aos meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes. Em especial as que compartilharam o mesmo telhado-céu, Gerda Fernandes, Sebastiana dos Ramos, Elizalute Rodrigues, Evalda Daio e Morena Ngola, durante a minha estada no Brasil.

À minha turma maravilhosa, 2013.3, que com certeza, contribuiu bastante para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), pela oportunidade de realização de um sonho.

Por fim, gratidão por todos que contribuíram direta ou indiretamente para a construção da minha estrada.

## RESUMO

A literatura são-tomense, assim como as outras do PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), pode ser distribuída em etapas, geralmente relacionadas ao grau de consciencialização quanto ao processo colonial apresentado nas obras (FERREIRA,1976) No período anterior à independência, a literatura anticolonial, isto é, aquela conscientemente inclinada à crítica colonial, bem como no pós-independência observamos um discurso impregnado de crítica, mas mais centrada na realidade sociocultural. Com esse trabalho objetivamos refletir sobre a crítica social presente na poesia são-tomense, focando na função do escritor como crítico social no período colonial e no pós-independência. Para isso, analisar-se-á poemas dos escritores Francisco José Tenreiro e Aíto Bonfim e das escritoras Alda do Espírito Santo e Conceição Lima, a fim de investigarmos com mais detalhe como os poetas desempenham a função de crítico social. Metodologicamente, proceder-se-á à análise teórico-interpretativa dos poemas selecionados dos autores (as) para avaliar a validade da hipótese acima descrita.

**Palavras-chave:** Tenreiro; Aíto Bonfim; Alda Espírito Santo; Conceição Lima; São Tomé e Príncipe; Crítica social

## **ABSTRACT**

The Sao Tome literature has in its poetry a greater representation since the founding times, as well as the others from PALOP (Portuguese Speaking African Countries), can be distributed in stages, generally related to the degree of awareness regarding the colonial process (FERREIRA, 1976). In the colonial period there is called anticolonial literature, namely, that consciously inclined to colonial criticism and in post-independence, we also observed a discourse impregnated in the critic, but more focused on the socio-cultural reality. With this text, we aim to reflect on social criticism in Sao-Tomean poetry, focusing on the role of the writer as a social critic in the colonial and post-independence periods. For that, we analyze poems produced by Francisco José Tenreiro and Aíto Bonfim, and by Alda do Espírito Santo and Conceição Lima, in order to investigate in more detail how poets play the role of social critic. Methodologically, the theoretical-interpretative analysis of the selected poems of the authors carry out to evaluate the validity of the hypothesis described above.

**Key-words:** Tenreiro; Aíto Bonfim; Alda Espírito Santo; Conceição Lima; São Tome and Principe; Social Critic

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO- LITERÁRIO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 2 – PERÍODO COLONIAL.....</b>	<b>14</b>
2.1 Francisco José Tenreiro .....	15
2.2 Alda do Espírito Santo.....	20
<b>CAPÍTULO 3 – PERÍODO PÓS- INDEPÊNDENCIA.....</b>	<b>31</b>
3.1 Aíto Bonfim.....	31
3.2 Conceição Lima .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

Os textos literários, diferentemente dos teóricos, tendem, usualmente, a passar a ideia de que em suas linhas o leitor descobrirá um universo diferente ao da realidade, um mundo capaz de encantar e fazer o leitor vivenciar algo que ele não vivencia no seu cotidiano. Porém, os textos literários não são apenas palavras “bonitas”. Como já apontava (HEGEL, *apud* BOSI 2010, p.15) “O estado das coisas de nossa época não é favorável à arte”, tendo isso em vista, também, acreditamos que a literatura não é apenas uma manifestação artística, ela tem um papel social e costuma “refletir” o espírito da sociedade. Porém, é importante ressaltar que, mesmo a literatura buscando expressar uma semelhança ou “reflexo” da realidade, esta não pode representar na totalidade o real, pois o real é inalcançável na sua essência. O real pode fazer parte de uma obra literária, mas sendo uma representação e não o real em si. E se vivemos em uma sociedade problemática, como no caso das sociedades africanas no período colonial, como exigir da literatura apenas a qualidade estética e nenhuma relação com o mundo a sua volta?

A literatura, desde as tradições clássicas, teve uma grande importância para a sociedade em que ela está inserida. Como bem demonstrou Antonio Candido (2014), a arte é expressão da sociedade, ou seja, ela se interessa pelos problemas sociais e está envolvida com a sociedade, e sendo a literatura uma arte, ela não foge à regra. O que a torna, também, um produto da sociedade. É a partir da literatura que muitos escritores tecem críticas à sociedade, dão voz a determinados grupos e é por meio dela que, muitas vezes, a população se atenta para um determinado problema social.

Nesse sentido, pretendemos, com esse trabalho, indagar sobre o papel da crítica social na poesia são-tomense, focando na função do escritor como crítico social no período colonial e no pós-independência.

Desse modo, analisar-se-á poemas dos escritores Francisco José Tenreiro e Aíto Bonfim, bem como das escritoras Alda do Espírito Santo e Conceição Lima, a fim de investigarmos com mais detalhe como se dá a crítica social a partir dos poemas desses autores na sociedade são-tomense. Como o nosso objetivo é a análise entre o período colonial e o do pós-independência, o *corpus* será composto por obras poéticas são-tomenses destes dois momentos.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro apresenta o contexto histórico do país e os subsídios teóricos que utilizaremos no trabalho para discutir sobre a função do escritor como crítico social; o segundo capítulo apresenta as análises feitas aos poemas do escritor Francisco José Tenreiro e a escritora Alda do Espírito Santo, cujos poemas escolhidos para esse trabalho são do período colonial; o terceiro capítulo apresenta análises dos poemas do escritor Aíto Bonfim e a escritora Conceição Lima, cujos poemas são do período da pós-independência; e a seguir apresentamos algumas considerações finais sobre a pesquisa.

A hipótese a ser investigada é como a poética (o conteúdo, a forma e os diferentes tipos sociais), nos poemas selecionados de autores são-tomenses, nomeadamente Francisco José Tenreiro e Alda do Espírito Santo, ainda no período colonial e, Conceição Lima e Aíto Bonfim, no pós-independência, demonstram um discurso impregnado de denúncias, como crítica social, acentuando o engajamento presente na produção literária desses autores.

Nesse sentido, discutiremos sobre a relação entre a literatura, especificamente a poesia, e a sociedade são-tomense, pautando-se nos estudos de Candido (2014) sobre a literatura e a sociedade. Refletiremos sobre o engajamento presente nos poemas dos diferentes períodos, apresentados no trabalho, baseando-se nos estudos de Ferreira (1976) e de Mata (2014) sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, uma vez que o processo histórico muito tem a ver com esse engajamento e sobre a função do escritor como crítico social que também serão alicerçadas nas ideias de Candido. Também sobre a análise dos poemas, fizemos leituras a partir dos estudos de Bosi (2010).

Consideramos a pesquisa importante porque esta contribuirá para uma discussão sobre a literatura são-tomense que se encontra um pouco encarecida de referências na área e poderá servir, posteriormente, de *corpus* textual para futuras pesquisas sobre a literatura são-tomense. Além disso, em um sentido mais amplo, pretendemos, com a pesquisa, colaborar para os estudos sobre a construção do sistema literário são-tomense.

## CAPÍTULO 1: DO CONTEXTO HISTÓRICO- LITERÁRIO

São Tomé e Príncipe é um país africano, oficialmente República Democrática de São Tomé e Príncipe, situado no Golfo da Guiné. O país insular é composto por duas ilhas principais (Ilha de São Tomé e a Ilha Príncipe) e vários ilhéus. As ilhas foram antigas colônias de Portugal desde o século XV até à sua independência em 12 de julho de 1975.

Segundo Bayer (2012), em São Tomé e Príncipe não houve guerra contra as forças coloniais, a exemplo de alguns países africanos de língua portuguesa, porém, a violência do colonialismo deixou suas marcas, e é na poesia são-tomense que podemos, desde o período colonial, verificar alguns episódios históricos que compõe a sociedade são-tomense. Desse modo, podemos perceber que, desde o período colonial, a poesia teve uma grande importância na sociedade são-tomense.

Nesse sentido, quanto à produção literária são-tomense, segundo (FERREIRA, 1976, p. 29), “O primeiro caso acontece logo nos fins do século XIX com Caetano da Costa Alegre (1864 — 1890), (Versos, 1916) cuja obra foi deixada inédita desde o século passado”, portanto seus versos foram publicados postumamente.

Porém, é considerado como o autor fundacional da literatura são-tomense o escritor, sociólogo e geógrafo Francisco José Tenreiro (1921-1963), pois como nos mostra Manuel Ferreira (1976, p. 77): “A sua voz é a voz real do homem africano, uma voz que vem das origens e ressoa no tempo...”. Tenreiro foi considerado o primeiro escritor verdadeiramente africano de língua portuguesa e o precursor da “negritude”<sup>1</sup> na língua portuguesa.

Ainda segundo Manuel Ferreira, a produção literária em São Tomé e Príncipe, bem como nos outros PALOPs, pode ser didaticamente distribuída em quatro ou cinco etapas, geralmente relacionadas ao grau de conscientização quanto ao processo colonial. Dessas etapas, a chamada literatura de resistência, isto é, aquela conscientemente inclinada à crítica ao processo colonial, tem, na obra de Alda do Espírito Santo, uma

---

<sup>1</sup> Surgido em 1939, no poema lírico “Diário de retorno ao país natal”, do antilhano da Martinica, Aimé Césaire, o termo *negritude* foi cunhado para aprender a *totalidade* do mundo negro fundada na ideia de solidariedade racial, dela subtraída a sua conotação pejorativa. O termo foi retomado por Léopold Senghor, que foi quem levou Césaire a descobrir a África e a sua cultura, com preferência pela combinação entre os valores do mundo negro resgatados e combinados com os valores franceses. (HERNANDEZ, 2008, p. 151)

expoente central. Na fase pós-independência, Conceição Lima se configurará como outro expoente crítico da realidade sociocultural de São Tomé e Príncipe.

Assim, no período colonial, antes da independência, podemos destacar Caetano Costa Alegre (1864-1890) e Francisco José Tenreiro (1921-1963), e os que vieram depois da geração de Tenreiro, citamos alguns nomes como Maria Manuela Margarido (1925-2007), Alda do Espírito Santo (1926-2010) e Tomaz Medeiro (1931). Já no período pós-independência, podemos citar alguns nomes como Aíto Bonfim (1955), Conceição Lima (1961), Francisco de Macedo e Jerónimo Salvaterra.

Em suma, trazemos esse breve panorama histórico para contextualizar o país, São Tomé e Príncipe, e trazer um pouco sobre a literatura são-tomense. Tendo em vista, que os escritores, desde sempre, tornaram a poesia como uma ferramenta de denúncia, luta e protesto e por meio desta, articulavam para uma sociedade mais justa. Acreditamos que com a análise dos poemas e dos autores escolhidos, nos será possível entender a função do escritor como crítico social, uma vez que é nela que perpassa tanto a ideia da construção da nação no período de luta anticolonial, como a reformulação dessas ideias no contexto pós-independência.

## CAPÍTULO 2 – PERÍODO COLONIAL

No período da colonial encontraremos na literatura são-tomense um maior interesse pelos poemas em relação a outros gêneros. A poesia desse período tem um forte engajamento com a luta anticolonial. Temos autores como Caetano Costa Alegre (1864-1890) e Francisco José Tenreiro (1921-1963), Maria Manuela Margarido (1925-2007), Alda do Espírito Santo (1926-2010) e Tomaz Medeiro (1931).

Tendo em vista que o nosso foco nesse capítulo é o período colonial, analisaremos poemas do escritor são-tomense, Francisco José Tenreiro (1921-1963) e da escritora são-tomense, Alda Neves da Graça do Espírito Santo (1926-2010). Foram selecionadas para a nossa pesquisa obras poéticas desses autores, das quais elegemos apenas alguns poemas, com intuito de analisar e refletir sobre a questão do escritor como crítico social. Para isso, a partir de uma análise teórico-interpretativa, buscaremos comparar a função do escritor como crítico social, na sociedade são-tomense, tanto no período colonial, como no período da pós-independência.

Escolhemos trabalhar na nossa pesquisa com a poesia, porque desde o período colonial a produção literária são-tomense tem se voltado mais para obras poéticas, as poucas obras em prosa publicadas são de pouca divulgação e as obras poéticas acabam por ocupar mais espaço, tal como especificado no fragmento a seguir:

Quando o assunto focaliza as literaturas africanas, a são-tomense singulariza-se pelo texto poético. Em 1986, Inocência Mata, considerando os onze anos transcorridos após a data da independência do país, constata: “a expressão ‘literatura santomense’ continua a ter, não raramente, uma recepção unidimensional: a de ‘poesia santomense’” (BAYER, 2012, p. 16)

Desde o período colonial, muitos escritores têm utilizado a poesia para dar voz, questionar e levantar reflexões sobre a realidade do país. Na obra de Alda do Espírito Santo, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, a própria autora realça na capa da primeira edição, 1978: “POESIA de protesto e luta”. Ao colocar esse subtítulo, autora já enfatiza os propósitos dos versos que inundam as folhas do livro, o que mostra de certa forma que

a autora, conscientemente, produziu aqueles poemas para que estes fossem uma ferramenta efetiva de protesto e luta.

Percebemos que essa ideia da poesia como símbolo de protesto e luta não perpassa apenas a realidade são-tomense; mas, também em outros países africanos de língua portuguesa que estavam sob o jugo colonial. É como se, o período que esses países viviam contribuísse para que a poesia “nascesse” já munida de garras, pois os acontecimentos daquela época não favoreciam o nascimento de uma poesia preocupada apenas com “a arte pela arte” adornada apenas com o “belo”. O contexto da época favorecia o surgimento de uma poesia de luta, reivindicadora, isto é, uma poesia que já trazia os seus ideais bem definidos.

## 2.1 FRANCISCO JOSÉ TENREIRO

Começaremos por destacar o poeta Francisco José Tenreiro (1921-1963), “natural da ilha São Tomé, viveu toda a sua vida em Lisboa, onde conviveu com a intelectualidade portuguesa e africana (estudante) da Casa dos estudantes do Império” (cf. MATA, 2010). O escritor, além de poeta e crítico literário, também foi geógrafo e sociólogo.

Em 1942, com a publicação do seu livro *Ilha de nome Santo*, “se torna o primeiro poeta verdadeiramente africano de expressão portuguesa” (FERREIRA, 1976, p.423), isso faz dele não só uma figura importante para a literatura de São Tomé e Príncipe, mas, sim, para toda a África de língua portuguesa. Assim, entendemos que Francisco José Tenreiro é uma figura importantíssima para literatura são-tomense, como realça Francisco Portugal:

A publicação em 1942 dentro da coleção do *Novo Cancioneiro* do livro *Ilha de Nome Santo*, número 10 da coleção Coimbrã, que “exprime a maneira de ver dos pan-africanistas” (MARGARIDO, 1995:159) significa não só a consagração de um jovem escritor de apenas 21 anos, como também o aparecimento duma obra que acabaria por ser considerada uma espécie de acta fundacional da literatura são-tomense. (2010, p. 293)

Tenreiro, apesar de viver sempre fora da sua terra natal, em suas poesias, norteadas pelos ideais da Negritude (a valorização do negro, a sua cultura bem como a cultura africana), consegue dar voz, em seus poemas, a um eu-lírico que reflete e questiona sobre a realidade do “ser negro” no mundo, como nos mostra Ferreira (1976). As suas poesias

trazem mais uma visão geral da África do que propriamente a delimitação da realidade são-tomense, como alguns poetas são-tomenses do período colonial, porém posterior a ele, focalizavam em suas poesias.

Vejamos o trecho a seguir:

### **CORAÇÃO EM ÁFRICA**

Caminhos trilhados na Europa  
de coração em África.

Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas  
tons fortes da paleta cubista  
que o sol sensual pintou na paisagem;  
saudade sentida de coração em África

[...]

Caminhos trilhados na Europa  
de coração em África.

De coração em África com o grito seiva bruta dos poemas de Guillén  
de coração em África com a impetuosidade viril de I too am América  
de coração em África com as árvores renascidas em todas estações

[nos belos poemas de Diop

de coração em África nos rios antigos que o Negro conheceu e

[no mistério do Chaka-Senghor

de coração em África contigo amigo Joaquim quando em versos

[incendiários

cantaste a África distante do Congo da minha saudade do Congo

[de coração em África

de Coração em África ao meio-dia do dia de coração em África...

[...]

vou cogitando na pretidão do mundo que ultrapassa a

[própria cor da pele

dos homens brancos amarelos negros ou às riscas

e o coração entristece à beira-mar da Europa

da Europa por mim trilhada de coração em África;

e chora fino na arritmia de um relógio cuja corda vai estalar

soluça a indignação que fez os homens escravos dos homens

mulheres escravas de homens crianças escravas de homens negros

[escravos dos homens...]

Nesse poema, o eu-lírico trazido pelo poeta demonstra um sentimento de pertença ao continente africano e se auto-afirma como Negro. Pode-se perceber essa auto-afirmação nos versos em que o sujeito-poético enuncia “por mim Negro” e “eu Negro”, que apesar de transitar por outros espaços, fora da África, aponta que o seu coração pertence a aquele lugar, ao da origem, como podemos ver nos seguintes versos “Caminhos trilhados na Europa/de coração em África”. Essa ideia é enfatizada pelo eu-lírico, por meio de anáfora, faz uso desta figura de estilo para repor continuamente a ideia que ele deseja realçar, por meio da reiteração “De coração em África”. Percebemos, durante a análise, que o eu-lírico usa a repetição em vários momentos do poema, como que querendo dar mais ênfase e intensificar o sentido daquilo que enuncia.

É importante realçar que as repetições trazidas no poema estão sempre relacionadas ao continente africano. Pois o canto no seu poema é a África, esse sentimento de pertença, de saudade de uma África já visitada e pelo sentimento de indignação pela situação que o negro vivia, o que é bem retratado no extenso poema. Neste caso, trata-se do escritor como ator social africano, não apenas são-tomense. Tenreiro, pan-africanista e da negritude.

Um outro ponto importante que o sujeito poético traz nesse poema é o uso de letras maiúsculas. Quando o sujeito se refere ao negro usa sempre a letra maiúscula “Negro”, chamando a atenção do leitor, forçando-nos a prestar a atenção. O “Negro”, trazido pelo poeta não é simplesmente um adjetivo, ao ser grafado com letra maiúscula ele desloca o a palavra “negro” da classificação habitual, dando a ela um outro sentido, um outro valor. E assim, traz vários “Negros” como se essa palavra pudesse representar os tantos “Negros de coração em África”, como podemos ver nos seguintes trechos, “da Europa trilhada por mim Negro de coração em África”, “Mac Gee cidadão Negro e da Negritude.../Negro da América e do Mundo Negro”, “e também aqueles que ninguém fala e eu Negro não esqueço”. Usando a letra maiúscula o autor realça e dá mais visibilidade ao Negro, trazendo assim um dos ideais da Negritude, que é a valorização do negro, de sua identidade e de sua cultura. Também, nesse poema, podemos perceber que o eu-lírico dá voz e traz como tema central a África e o Negro e sobretudo é um eu-lírico que se identifica com a dor do homem negro.

À semelhança desse poema, encontramos em sua obra um leque de poemas que, também, têm como foco o Negro, a África no geral e não há uma delimitação sobre São Tomé e Príncipe, no que se refere ao espaço. Tenreiro, mesmo não tendo essa crítica específica à sociedade são-tomense, podemos observar a denúncia social, a crítica da situação do negro que são uma das características da Negritude, no sentido de evocar a solidariedade para o coletivo de exemplos expostos nos versos, de Cuba ao Congo, os versos imprimem universalidade.

Podemos dizer que na poesia de Tenreiro, não há uma preocupação direta com a luta de libertação nacional. A sua poesia não é aquela conscientemente dedicada à resistência, luta e protesto contra o sistema colonial vigente em São Tomé e Príncipe. Porém, isso não quer dizer que estava alheio às práticas coloniais que a sociedade são-tomense vivia na época. Mas, sim, a condução das ideias era diferente, nesse período São Tomé e Príncipe ainda não possuía uma geração com os ideais nacionalistas e de resistência bem estruturado, lembrando que Tenreiro é considerado o pioneiro. Esse espírito verdadeiramente nacional só é observado na geração posterior ao Tenreiro, como destaca Inocência Mata:

Com esses repertórios como marcas de distinção cria-se a nova literatura (são-tomense). De facto, “os que vieram depois”, os chamados poetas da Casa dos Estudantes do Império – Alda do Espírito Santo, M<sup>o</sup> Margarido ou Tomás Medeiros – constroem o novo sistema e seguem os caminhos marcados por Tenreiro:

Dimensionada numa matriz nacionalista, a escrita desses jovens escritores denuncia uma assumida vinculação à ideologia estética do Neo- Realismo e configura dois grandes núcleos temáticos: de novo a afirmação cultural, de uma insularidade africana, e a reivindicação do solo pátrio, realizando o discurso anti-colonial de identidade, e a denúncia de precariedade social das ilhas (MATA, 2010, p. 294)

Percebemos, assim, que, não há marcas específicas, de denúncia ou crítica à sociedade são-tomense na poesia de Tenreiro, porém seus poemas são carregados de marcas linguísticas e datas que fazem referência a São Tomé e Príncipe. Embora esses detalhes possam não ser considerados suficientes para encaixar a poesia de Tenreiro no grupo das que apresentam uma crítica direta, não podemos negar que são esses detalhes que vinculam as suas poesias a sua terra natal atribuindo pequenas marcas da “santomensidade”. Ressaltando que essas marcas não servem simplesmente para marcar a “santomensidade”, mas, para “ver, na História (da literatura) qual o lugar de cada texto”. (MATA, 2014, p. 110). Isso mostra, de certa forma, uma identificação do autor com o

país e um grau de afetividade, como mencionado anteriormente. Na nossa análise, percebemos que o uso dessas expressões ou a apresentação de alguns conteúdos trazidos em seus poemas, como no caso dos poemas *Nós, Mãe*, ou *Romance de Seu Silva Costa*, e por meio do eu-lírico, o autor marca a presença do espaço de onde ele fala, isto é, representa uma realidade específica.

Podemos citar como exemplos dessas marcas linguísticas, palavras em *forro* ou *santomé*<sup>2</sup> e outras palavras que mesmo não sendo em *forro* são o modo específico de falar de São Tomé que o autor traz nos seus poemas, como, “Sam” “Sum” “Safú”, assim como o próprio título da obra que também faz referência ao país. *Ilha de Nome Santo*, já nos remete à São Tomé e Príncipe que, nos valendo dos dados históricos, sabemos que as ilhas têm nomes de santos (Santo Tomé e Santo Antão) em virtude da data da chegada dos portugueses ao arquipélago que coincidiu com a data comemorativa desses santos. Tais marcas no discurso poético de Tenreiro mostram esse desejo de proximidade e de identidade com São Tomé e Príncipe.

Essa ideia de pertença do poeta Francisco José Tenreiro com o arquipélago, pode ser lida na seguinte passagem do pesquisador Seibert:

O livro *A Ilha de São Tomé*, publicado em 1961 pela então Junta de Investigações do Ultramar, é uma monografia completa da ilha, contendo 290 páginas de texto, uma bibliografia extensa de 35 páginas e 70 páginas de fotos. O livro é baseado na pesquisa bibliográfica, incluindo possivelmente tudo que tinha sido publicado sobre São Tomé na altura, e trabalho de campo de Tenreiro, efectuado durante as suas estadias de três meses, em cada ano, de 1956 a 1958. No prefácio Tenreiro escreve que, embora frequentasse a escola e a universidade em Lisboa, se tinha mantido ligado a São Tomé pelo coração. Acrescenta: “São Tomé esteve sempre nas minhas preocupações científicas e até nas de cunho sentimental, porventura tão importantes como aquelas.”. (2008, p.8)

Podemos perceber pela própria fala de Tenreiro, que São Tomé sempre esteve no seu coração, tanto no ramo científico como sentimental. Durante o seu percurso académico e profissional Tenreiro sempre se dedicou pelos estudos geográficos e cultural de São Tomé e Príncipe.

Após a análise dos poemas de Tenreiro percebemos o papel do poeta como crítico social, no que concerne a situação do negro pelo mundo. Este, se detém em tecer críticas,

---

<sup>2</sup> Uma das línguas nacionais ou crioulas falada em São Tomé. “Localmente também conhecido como Lungwa Santome, Forro (ou Fôlô)... No plano académico, também conhecido como São-Tomense. (HAGEMEIJER, 2009, p. 1)

e denunciar as mazelas sofridas pelo negro na sociedade, reforçando a imagem de poeta da Negritude.

## 2.2 ALDA DO ESPÍRITO SANTO

Em contraponto, ao que lemos sobre o discurso poético de Francisco José Tenreiro, a partir deste ponto, traremos a poeta Alda Neves da Graça do Espírito Santo (1926-2010), nascida na cidade de S. Tomé, na ilha de S. Tomé (S. Tomé e Príncipe). A escritora, são-tomense, também conhecida como Dona Alda, é uma das representantes das Literaturas Africanas de autoria feminina, além de escritora, desempenhou alguns cargos políticos e foi militante nas lutas a favor da independência do país, atuando sempre de forma ativa. A autora tem uma vasta produção literária, que podem ser encontradas tanto em antologias, livros, revistas, etc. Para esse trabalho escolhemos a sua primeira obra, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, publicada em 1978, três anos após a independência do país. Apesar desta só ser publicada em 1978, vários poemas que se encontram nesse livro foram escritos, antes da independência.

Como referido anteriormente, Alda do Espírito Santo, cuja as obras literárias são voltadas conscientemente à luta de resistência ao sistema colonial, faz parte da geração dos escritores que sucederam a Francisco José Tenreiro.

*É Nosso o Solo Sagrado da Terra* é um verdadeiro testemunho contra as práticas do regime colonial, onde a autora dá voz a um eu-lírico que denuncia e ao mesmo tempo tece críticas a esse sistema. Manuel Ferreira a esse respeito nos ensina que:

O discurso de Alda do Espírito Santo descreve-se entre o relato quotidiano da ilha, impregnado de alusões simbólicas de esperança, ou do registo de anseios de transparência política: «uma história bela para os homens de todas as terras/ciciando em coro, canções melodiosas/numa toada universal» até ao clamor da revolta de um povo oprimido como em «Onde estão os homens caçados neste vento de loucura»[...] (1976, p. 78)

A fim de compreender melhor a poesia são-tomense no período colonial, selecionamos alguns poemas do livro *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, da poeta Alda do Espírito Santo. É importante ressaltar que, ao falarmos de “poesia são-tomense no período colonial”, referimo-nos as obras poéticas de escritores são-tomenses situadas propriamente no terceiro momento, na divisão proposta por Ferreira (1989, *apud*

FONSECA; MOREIRA 2013, p. 2), “quanto a emergência da literatura nos países africanos colonizados pelos portugueses”. O autor apresenta quatro momentos, como podemos observar:

Manuel Ferreira (1989b) discute a emergência da literatura (sobretudo da poesia) nos espaços africanos colonizados pelos portugueses, propondo a observação de quatro momentos. No primeiro, destaca o teórico que o escritor está em estado quase absoluto de alienação. Os seus textos poderiam ter sido produzidos em qualquer outra parte do mundo: é o momento da alienação cultural. Ao segundo momento corresponde a fase em que o escritor manifesta a percepção da realidade. O seu discurso revela influência do meio, bem como os primeiros sinais de sentimento nacional: a dor de ser negro, o negrismo e o indigenismo. O terceiro momento é aquele em que o escritor adquire a consciência de colonizado. A prática literária enraíza-se no meio sociocultural e geográfico: é o momento da desalienação e do discurso da revolta. O quarto momento corresponde à fase histórica da independência nacional, quando se dá a reconstituição da individualidade plena do escritor africano: é o momento da produção do texto em liberdade, da criatividade e do aparecimento de outros temas, como o do mestiço, o da identificação com África, o do orgulho conquistado.(FERREIRA, 1989, *apud*, FONSECA; MOREIRA, 2013, p. 2)

Portanto, de acordo com a divisão de Ferreira (1989), consideramos a poesia de Alda do Espírito Santo como uma poesia consciente quanto a realidade do povo no período colonial, uma poesia cujo o discurso é carregado de revolta, como iremos destacar mais a diante com as análises.

Outro ponto importante a se destacar é a diferença entre essa poesia com a literatura dita “Colonial”, apontada por Augel:

Denomina-se em geral literatura colonial os textos escritos por metropolitanos que, tendo passado algum tempo na África ou em outros espaços colonizados, produziram textos em que o olhar etnográfico ressaltava a alteridade e onde a descrição dos costumes e do ambiente em que viviam as diferentes “tribos” africanas podia até mesmo representar um interesse verdadeiro pelo país e pela gente, ultrapassando o mero pincelar da cor local. (2005, p. 117)

A mesma idéia é apresentada em Ferreira (1976). Destacamos aqui que a poesia do período colonial destacada por nós não se relaciona com as ideias citadas. O “Colonial” é visto, neste trabalho, mais pela noção de período histórico e não por questões ideológicas.

Nesse sentido, vejamos o primeiro exemplo:

**ONDE ESTÃO OS HOMENS CAÇADOS NESSE VENTO DE LOUCURA**

O sangue caindo em gotas na terra  
homens morrendo no mato  
e o sangue caindo, caindo...  
nas gentes lançadas no mar...  
Fernão Dias para sempre na história  
da Ilha Verde, rubra de sangue,  
dos homens tombados  
na arena imensa do cais.  
Aí o cais, o sangue, os homens,  
os grilhões, os golpes das pancadas  
a soarem, a soarem, a soarem  
caindo no silêncio das vidas tombadas  
dos gritos, dos uivos de dor  
dos homens que não são homens,  
na mão dos verdugos sem nome.  
Zé Mulato, na história do cais  
baleando homens no silêncio  
do tombar dos corpos.  
Ai Zé Mulato, Zé Mulato.  
As vítimas clamam vingança  
o mar, o mar de Fernão Dias  
engolindo vidas humanas  
está rubro de sangue.  
- Nós estamos de pé -  
Nossos olhos se viram para ti.  
Nossas vidas enterradas  
nos campos da morte,  
os homens do cinco de Fevereiro  
os homens caídos na estufa da morte  
clamando piedade  
gritando pela vida,  
mortos sem ar e sem água  
levantam-se todos  
da vala comum

e de pé no coro de justiça  
clamam vingança...  
Os corpos tombados no mato,  
as casas, as casas dos homens  
destruídas na voragem  
do fogo incendiário,  
as vidas queimadas,  
erguem o coro insólito de justiça  
clamando vingança.  
E vós todos carrascos  
e vós todos algozes  
sentados nos bancos dos réus:  
- Que fizeste do meu povo?...  
- Que respondeis?  
- Onde está o meu povo?...  
E eu respondo no silêncio  
das vozes erguidas  
clamando justiça...  
Um a um, todos em fila...

Para vós, carrascos,  
o perdão não tem nome.  
A justiça vai soar.  
E o sangue das vidas caídas  
nos matos da morte,  
o sangue inocente  
ensopando a terra  
clamando justiça.  
É a chama da humanidade  
cantando a esperança  
num mundo sem peias  
onde a liberdade  
é a pátria dos homens...  
(SANTO, 2010, p.121-123)

Nesse poema podemos perceber que o eu-lírico traz a descrição de um cenário um tanto horrendo, dando minuciosamente os detalhes daquele que foi o palco do Massacre de 1953<sup>3</sup>, também conhecido como o “Massacre de Batepá”. O poema se parece com uma narrativa em versos, não só devido a descrição minuciosa dos acontecimentos de maneira sequenciada, mas, também, pelo uso de travessões, que marcam a presença de diálogos, e o uso de reticências, que aproxima um pouco da oralidade, dando a ideia de que eu-lírico estivesse a conversar com alguém e ficou alguma coisa por dizer, por fazer, interrompida pela violência do massacre.

Ao dar esses detalhes, o sujeito poético mostra a sua intenção de fazer o seu interlocutor vislumbrar – quanto mais detalhes, mais próximo do real parece a escrita, assim mais próximo da realidade e do teor da denúncia. Desde os vocábulos trazidos pelo eu-lírico, as palavras que este escolhe para relatar o sucedido não tem nada de eufemismo, este usa as palavras nuas e cruas realçando o seu verdadeiro peso conotativo, como podemos perceber nas seguintes expressões e vocábulos: “sangue”, “morte”, “rubra de sangue”, “uivos de dor”, “homens morrendo”, “os golpes de pancada”, “nos matos da morte”.

Além dos vocábulos, o poema é todo ele ritmado, quase que seguindo uma cadência que intensifica ainda mais esse efeito tão real causado pelos detalhes da descrição. Um exemplo que acentua ainda mais o ritmo do poema são as repetições trazidas ao longo do poema que dão dimensionamento para a imagem, com em: “os homens morrendo no mato/e o sangue caindo, caindo...”, “os grilhões, os golpes das pancadas/a soarem, a soarem, a soarem”. Com isso, não há, portanto, nenhuma intenção em encobrir ou proferir as coisas de um modo suave, uma vez que durante todo o poema as marcas têm o objetivo de intensificar ou até mesmo conduzir o leitor a tomar ciência da violência dos fatos. Esta, portanto, faz da escrita um meio de criticar o que ela, assumindo o papel de crítica social, reprova.

É possível fazer essa associação sobre as práticas coloniais em São Tomé, porque no poema há detalhes que revelam claramente o contexto histórico e o espaço a que se faz referência. Há uma preocupação em nos direcionar para os espaços descritos no

---

<sup>3</sup> Os sangrentos acontecimentos de Fevereiro de 1953 deram o maior ímpeto a causa nacionalista. Nesse mês, tentativas da administração colonial de obrigar a população crioula a trabalhar nas roças a fim de resolver o problema de mão-de-obra provocaram uma sublevação dos forros. Sob as ordens do governador Carlos Gorgulho (1945-1953) a polícia local, Corpo de Polícia Indígena (CPI), composta principalmente por soldados angolanos, apoiada por voluntários brancos e trabalhadores contratados, suprimiu a rebelião matando inúmeras pessoas, inocentes e indefesas. (SEIBERT, 2001, p.76)

poema, “a arena imensa do cais onde há homens morrendo e sangue caindo”. Como se lê nos seguintes versos: “Fernão Dias para sempre na História/da Ilha verde, rubra de sangue”, “os homens de cinco de Fevereiro”, “o mar, o mar de Fernão Dias/engolindo vidas humanas” “Ai Zé Mulato, Zé Mulato/as vítimas clamam vingança”.

Percebemos que há um conjunto de marcas que remetem logo ao passado histórico de São Tomé. O eu-lírico faz referência a Ilha Verde, que no caso seria São Tomé, um dos locais do acontecimento do Massacre de 53 (Fernão Dias), a data que culminou com várias mortes de nacionais inocentes durante o Massacre de 53 (5 de fevereiro) e menciona um sujeito que participou do massacre (Zé Mulato<sup>4</sup>).

Além de trazer detalhes do contexto histórico de São Tomé, o eu-lírico também faz uma crítica contundente contra o colonialismo, trazendo nas suas enunciações a visão da crueldade. Percebemos que o eu-lírico usa vocábulos com carga semântica negativa quando se refere ao colonizador, o que vem condizer com toda a denúncia feita ao longo do poema, em vocábulos como “verdugos”, “carrascos” e “algozes”, para se referir ao colonizador, o que mostra o seu desafeto e a índole daquele que este denuncia.

Em oposição aos “verdugos sem nome”, o eu-lírico se condói daqueles cujo “sangue inocente” ensopou a terra. Para estes, o eu lírico demonstra uma proximidade, um laço afetivo e de identidade, pois os chama de “meu povo”. Este se inclui nesse grupo vitimado, deixando a ver a tomada de posição. Após a “narrativa” minuciosa, o eu-lírico se direciona aos carrascos de modo revoltoso e afirmando que a “Justiça vai soar” e que o sangue dos inocentes clama por justiça. Apesar de toda essa imagem negativa, o eu-lírico termina o poema em um tom esperançoso.

Assim, percebemos que a autora, ao dar voz ao eu-lírico, critica as práticas sociais do período colonial e condena aqueles que ela chama de “carrascos”. Nesse poema, podemos perceber um forte clamor de revolta de um povo oprimido e inocente, retratando um dos momentos incontornáveis na história de São Tomé e Príncipe.

Traremos agora um outro poema que de igual modo pertence ao período colonial, mas traz como foco uma outra realidade. Esse é um dos aspectos que faz das poesias de Alda do Espírito Santo muito interessante, pois, a autora, apesar de pertencer a geração comprometida com uma poesia de consciência anticolonialista, uma poesia que ia contra os ideais colonialistas, denunciava as atrocidades cometidas como ressalta Ferreira (1976), esta consegue reservar nos seus versos palavras dedicadas ao povo, tecer críticas

---

<sup>4</sup> O chefe duma das brigadas, o famoso José Joaquim, nascido na roça Ponta Figo, a cumprir pena por assassinio, e geralmente conhecido por Zé Brigada ou Zé Mulato.(SEIBERT, 2001, p. 80)

a qualquer problema social e interferir na conduta da população, afirmando assim o que defende Antonio Candido, sobre a função humanizadora da literatura.

Nesse sentido, analisemos o seguinte poema:

### **ÀS MULHERES DA MINHA TERRA**

Irmãs, do meu torrão pequeno  
 Que passais pela estrada do meu país de África  
 É para vós, irmãs, a minha alma toda inteira  
 — Há em mim uma lacuna amarga —  
 Eu queria falar convosco no nosso crioulo cantante  
 Queria levar até vós, a mensagem das nossas vidas  
 Na língua maternal, bebida com o leite dos nossos primeiros dias  
 Mas irmãs, vou buscar um idioma emprestado [...]
   
 Conversar com as lavadeiras dos nossos rios  
 Sobre a roupa de cada dia  
 Sobre a saúde dos nossos filhos  
 Roídos pela febre  
 Calcorreando léguas a caminho da escola.

Irmã, a nossa conversa é longa.  
 É longa a nossa conversa.  
 Através destes séculos  
 De servidão e miséria...  
 É longa a estrada do nosso penar.[...]

Não vamos mais fazer “nozados” longos  
 Nem lançar ao mar  
 Nas festas de Santos sem nome  
 A saúde das nossas belas crianças,  
 A esperança da nossa terra.

Uma conversa longa, irmãs.  
 Vamos juntar as nossas mãos  
 Calosas de partir caroço  
 Sujas de banana

“Fermentada” no “macucu”  
 Na nossa cozinha  
 De “vá plegá” ...  
 [...]

Amigas, as nossas mãos juntas,  
 As nossas mãos negras  
 Prendendo os nossos sonhos estéreis  
 Varrendo com fúria  
 Com a fúria das nossas “palayês”  
 Das nossas feiras,  
 As coisas más da nossa vida.  
 [...]

.....  
 Não gritaremos mais  
 os nossos cânticos dolorosos  
 Prenhes de eterna resignação...  
 Outro canto se elevará Irmãs,  
 Por cima das nossas cabeças.  
 Vamos procurar a razão.  
 A hora das nossas razões vencidas  
 Se avizinha.  
 A hora da nossa conversa  
 Vai ser longa.[...]

Não sabemos ler, irmãs  
 Mas vamos vencer o medo.  
 Vamos vencer nosso medo  
 De sermos sós na terra imensa.  
 (SANTO, 2010, p.86-90)

Nesse poema, o eu-lírico feminino se direciona a um grupo específico, “as Mulheres da sua Terra”, a quem trata por “irmãs”, “amigas”, criando assim um vínculo, a partir do cotidiano de suas irmãs mostrando o modo como conseguem o sustento da sua casa. Para isso, o eu-lírico coloca em cena diferentes tipos sociais que transitam na sociedade, como as “palayês” – vendedoras de rua no comércio informal e as

“lavadeiras”: “Queria conversar com as lavadeiras dos nossos rios/Sobre a roupa de cada dia/Sobre a saúde dos nossos filhos/Róidos pela febre”.

A primeira indagação sobre este poema é o que motiva trazer especificamente esses tipos sociais para os versos? A partir da nossa análise percebemos que a autora chama atenção para os sujeitos sociais que mais enfrentam dificuldades na sociedade, aqueles que trabalham arduamente para o bem dos seus filhos e que desde sempre fizeram parte da sociedade são-tomense, desde o período colonial, até os dias de hoje, e ainda assim fazem parte do grupo menos favorecido e que ainda são as que sempre labutaram e labutam, por isso a ideia de resistência é constante nos poemas.

Porém, a autora além de denunciar a situação que esses sujeitos enfrentam na sociedade, também tece críticas ao grupo, pedindo mudança de comportamento. Como podemos ver na seguinte estrofe:

Não vamos mais fazer “nozados” longos  
 Nem lançar ao mar  
 Nas festas de Santos sem nome  
 A saúde das nossas belas crianças,  
 A esperança da nossa terra.

Reparemos que a primeira pessoa do plural, do coletivo, convida para reflexão. A autora aconselha que não façam mais “nozados” longos, nem lançar ao mar a saúde das crianças. De acordo com a realidade são-tomense, essas duas práticas que a autora pede que sejam extinguidas, são representações de práticas tradicionais que, ao trazer isso esta, assumindo o papel de crítica social, questiona essas práticas. Será que vale mesmo a pena lançar ao mar a saúde das nossas crianças a esperança da nossa terra? O eu-lírico leva o leitor a reflexão, para se atentar as crianças que representam o futuro.

Trazer como foco a saúde das crianças que, muitas vezes são vencidas pela fome e pela febre, é uma das marcas do discurso poético de Alda do Espírito Santo, que refere a estas como o futuro, a esperança do país. Podemos, perceber esses versos como uma crítica, metaforizando a saúde das crianças para fazer referência à necessidade de hospitais.

Nesse poema o eu-lírico também faz um apelo a unidade, realçando a importância de unir as forças “Vamos juntar as nossas mãos/calorosas de partir carozo”, “É preciso entender o nosso falar/juntas de mãos dadas”. Ao fazer esse apelo a autora convida as

suas irmãs a se juntarem em uma luta comum, “a saúde dos nossos filhos” e a “grandeza da sua terra”. Há um alerta do eu-lírico, chamando para a luta anticolonial, para o bem dos filhos.

A semelhança ao poema anterior, a autora termina este poema num tom esperançoso, algo que percebemos ser recorrente em seus poemas, após a nossa análise, tal qual nos esclarece a Manuel Ferreira : “O discurso de Alda do Espírito Santo descreve-se entre o relato quotidiano da ilha, impregnado de alusões simbólicas de esperança [...]” (1976, p.78)

Tendo em vista que a sua poesia já é voltada conscientemente para a denúncia e crítica ao sistema colonial, a autora sempre apresenta uma visão anticolonialista. E nesse poema não foi diferente. Desde o começo do poema o eu-lírico demonstra a sua não identificação com a língua portuguesa, este refere a ela como “um idioma emprestado” e lamenta por não poder levar à mensagem às suas irmãs a partir da sua língua materna, que nesse caso seria o *forro ou santomé*. Nessa primeira estrofe, a autora, a partir do sujeito poético, já mostra o seu descontentamento perante uma língua que não é sua.

Também faz referência ao sistema colonial quando enuncia “Irmã, a nossa conversa é longa. /Através destes séculos/ De servidão e miséria.../ É longa a estrada do nosso penar.”. Nesses versos o eu-lírico traz a memória os anos sofridos. E podemos perceber que assim como os anos da servidão foram longos, a conversa também seria longa, pois esses anos deixaram muitas sequelas, o que exige um tempo maior ainda para refletir sobre os resquícios também.

Essa analogia nos faz pensar sobre a estrutura externa do poema. Percebemos que quando o poema trazido pela autora trata sobre as questões da sociedade, os problemas nela existentes ou a crítica ao sistema colonial, este geralmente é extenso. É como se a autora atribuísse características diferentes da forma, de acordo com a temática a ser tratada.

Essa característica também está presente na poesia de Tenreiro, no que diz respeito a poesia e versos longos quando esse refere-se aos pontos da negritude, ao negro, ao passo que para outras temáticas não são dadas a mesma atenção. (cf. FERREIRA, 1976).

Para concluir, reforçando essa ideia de esperança e de projeção de um futuro trazida nos poemas da autora, temos o poema **Cela Non Vugu**, que em português seria “Temos que avançar”, é o poema com que a autora termina o seu livro *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, e que ao nosso entender representa muito bem o todo de ideias da obra.

Desde o título já podemos perceber que o eu lírico faz um apelo ao seu interlocutor, que podemos dizer que é o povo são-tomense, pois este faz o uso da língua nacional, o que nos reporta a Ilha de São Tomé. O título é uma espécie de incentivo, o eu-lírico instiga o povo a agir, a avançar, é um canto de esperança, uma convocatória para a luta que é reconstruir:

### **CELA NON VUGU**

Cinco séculos estrangeiros no solo pátrio  
 Regressamos do exílio da exploração  
 Expulsando com a força do povo  
 O colosso colonial e seus sequazes.  
 A máquina orquestrada do colono  
 Sequelas legou no palco montado  
 Instalado para eternizar.  
 Mas eterna na perenidade do tempo  
 É a alavanca do reconstruir  
 Desmontando tronos seculares  
 Injustiças cavadas nas montanhas  
 Levantando das ruínas dos pântanos  
 Um povo em marcha que avança.  
 (SANTO, 2010, p. 165)

Percebe-se que o eu-lírico regressa ao passado, para instigar o povo a reconstruir uma nova sociedade, após o fim do processo colonial. E ao usar o verbo (re)construir, podemos perceber que há uma convocação ao passado, pois só se pode reconstruir algo já tinha sido construído anteriormente. E o prefixo “re” indica essa ideia de alguma coisa que se refaz, que se espera refazer. E é relembando esse passado de “cinco séculos”, não tão longínquo, que este consegue mostrar a necessidade de reconstruir um novo presente, uma vez que as “sequelas” do passado dificilmente irão desaparecer. Um presente construído pela força do povo, um presente sem a presença colonial e com perspectiva de futuro.

## CAPÍTULO 3: PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA

No período da pós-independência encontraremos na literatura são-tomense um maior interesse pelos poemas em relação a outros gêneros. Não que não existam outros gêneros, mas é notória a predominância de publicação de obras poéticas, assim como ocorreu no período anterior.

Embora tenhamos autores como temos escritores como, por exemplo: Aíto Bonfim (1955), Conceição Lima (1961), Francisco de Macedo, Jerónimo Salvaterra, Adilson dos Ramos Pinto (1978); nesse capítulo, pretendemos analisar alguns poemas do escritor Aíto Bonfim (1955) e da escritora Maria da Conceição Costa de Deus Lima (1961), com o intuito de investigar a função crítica dos poetas, no pós-independência.

### 3.1 AÍTO BONFIM

Inicialmente destacaremos o escritor Ângelo do Nascimento de Jesus Bonfim, conhecido como Aíto Bonfim, nasceu na cidade de S. Tomé, em S. Tomé e Príncipe, a 30 de março de 1955, é poeta, romancista e dramaturgo, autor de *A berlinização ou partilha de África* (teatro, 1987), *Poemas* (1992), *O suicídio cultural* (romance, 1992, reeditado em 2003), *O golpe: uma autópsia* (teatro, 1996) e *Aspiração* (poesia, 2002).

Segundo Inocência Mata, o poeta Aíto Bonfim é um poeta bissexto. Nas palavras da pesquisadora, no prefácio da obra do autor, *Aspiração*, publicada em 2002, obra na qual selecionamos os poemas para a nossa análise, lê-se o seguinte:

Uma das vozes poéticas do pós-independência, uma literatura que não viu afirmarem-se muitas outras que também se revelaram, Aíto Bonfim é um poeta para quem a poesia (ainda) é uma forma de organizar o caos do mundo – ou, parafraseando Nathalie Sarraute, que resgato da epígrafe, um poeta que, pela poesia, faz surgir o invisível – isto é, a razão das coisas. (MATA, 2002, p. 9)

Assim, para investigar a função do escritor como crítico social, na sociedade são-tomense no pós-independência, começamos por analisar o seguinte poema:

**SINTO A ÁFRICA**

Sinto toda a África

Consubstanciada em mim

Navego pelos seus rios tumultuosos

Nos leitos das minhas veias nilóticas, zambezianas

Até as flores e savanas

No emaranhado virgem

Do meu cabelo verdejante e castanho

Balouçando ao vento soprando nos brônquios

Ao som da música ecoada

No ritmo do barulho compassado

Do meu coração afro-forme-tambor entre pulmões

Bailo em passos dançantes

Das suas sístoles e diástoles

Movimentos peristálticos, famintos e libidinosos

Sob os constantes e eternos trinta e sete graus

[...]

Precipito-me em queda livre

Sob o fardo da Antiáfrica

De erros-algodão alheio

De ignorâncias-cacau

De derrotas-café

Pelas ladeiras de séculos escorregadias

Das suas frustrações côncavas

Até à base da depressão espiritual do Lago Chade [...]

O lamacento horrível e fértil das chuvas

Nas lágrimas dos fracos

Em suor da enxada trovejante e torrencial

Em lagos subcutâneos do meu sangue

Ao longo do meu corpo rasgado

Em guerras nefastas por raios

Movimentos tectónicos

Vulcões incandescentes  
 E também por estas baionetas antiafricanas  
 Enterradas há séculos  
 Na garganta-espírito africano  
 Fatalmente em agonia ignorada

Para o arrepio  
 Do espírito vaidosamente modelar  
 Gostaria de ser  
 E tenho de ser sempre  
 Simplesmente africano

Sinto ainda toda a nossa África consubstanciada em mim.

Nesse poema, percebe-se desde o título e pelos dois primeiros versos iniciais, que o eu-lírico fala da África, uma África que faz parte de si. O eu-lírico se identifica com a África, se vê constantemente nela e sente como se ambos fossem um só corpo. Ao longo das 4 primeiras estrofes do poema, lemos as maravilhas da África, a sua cultura, a sua música e o seu ritmo dançante, o seu passado e o seu presente, uma mostra como se identifica com a cultura africana e como sente a África dentro de si, sem cair no exotismo.

Porém, a partir da quinta estrofe, o eu-lírico faz uma espécie de enumeração de acontecimentos “antiafricanos”. É como se todos esses acontecimentos “antiafricanos”, quebrassem todo esse êxtase, toda essa perfeição que ele cantava nas estrofes anteriores, como podemos ver no trecho que se segue:

Precipito-me em queda livre  
 Sob o fardo da Antiáfrica  
 [...]
   
 Sinto todo o seu térreo soalho  
 Na minha pele de Shael ressequida  
 Fustigada por açoites de tufões ciclônicos  
 [...]
   
 O lamacento horrível e fértil das chuvas  
 Nas lágrimas dos fracos  
 E no suor da enxada trovejante e torrencial  
 Em lagos subcutâneos do meu sangue

Ao longo do meu corpo rasgado  
 Em guerras nefastas por raios  
 Movimentos tectónicos  
 Vulcões incandescentes  
 E também por estas baionetas antiafricanas  
 Enterradas há séculos  
 Na garganta-espírito africano  
 Fatalmente em agonia ignorada  
 (BONFIM, 2002, p. 35-37)

É como se o poema fosse dividido em duas partes e as quatro primeiras estrofes, fossem para valorizar e realçar o que a África que o sujeito poético sente tem de melhor, de alegre, ao passo que a partir da quinta estrofe até a última, o sujeito traz uma África devastada pelos “antiafricanos”, uma África fustigada. Percebe-se que o sujeito poético sente essas duas Áfricas, as das músicas e dos passos dançantes e a África sufocada.

E para terminar, o eu-lírico mostra que, apesar de tudo o que ele canta na segunda metade do poema, ele continua se identificando com essa África. Mostrando que mesmo depois de tudo este ainda sente toda a África consubstanciada em si. Percebemos que o verso que encerra o poema é idêntico ao que inicia, como um ciclo, apenas com o acréscimo do advérbio “ainda” que remete a ideia de um sentimento não apagado, apesar dos fatos o sujeito ainda sente a África dentro de si, e do pronome “nossa” que realça a ideia de pertença, de identidade conjunta, de todos aqueles que sentem a África. Como observamos nos seguintes versos:

Para o arrepio  
 Do espírito vaidosamente modelar  
 Gostaria de ser  
 E tenho de ser sempre  
 Simplesmente africano

Sinto ainda toda a nossa África consubstanciada em mim.

Percebemos, pela análise desse poema, que o eu-lírico que o poeta Aíto Bonfim dá voz, identifica-se com sentido de “africano” mais amplo e defende os valores culturais do continente. Não é possível observar, neste poema, uma delimitação no que toca a

realidade são-tomense. Este sujeito traz uma visão crítica da sociedade, porém focando na África, chamando atenção para uma união, que se repararmos nos versos percebemos que é trazido ao longo do poema especificidades de “várias Áfricas”, mas que no final retoma para uma união, uma África consubstanciada. Não há marcas que remetem, especificamente, ao país insular, a não ser que tomemos versos: “De ignorâncias-cacau/De derrotas-café” como referência a roças são-tomenses, que foram o principal capital ao longo do processo colonial, embora os mesmos cultivos também tenham sido explorados em grande parte por todo o continente africano.

O que vale apontar, em termos comparados do antes e depois da independência é o resgate da ideia total do continente, como ocorria em Tenreiro, mesmo que em Bonfim a pauta da negritude as três proposições – identidade, solidariedade e fidelidade, vista na repetição da palavra “africano” mais do que a palavra “Negro” é como se o autor resgatasse os ideais da Negritude, cantando o negro e sua cultura, isto é o universo africano, à semelhança de Francisco José Tenreiro.

Para verificarmos algumas outras peculiaridades da poesia de Bonfim, abaixo um outro poema:

### **N’TLÁCHE GLEZA**

Quería, *inem juche mom shiô*  
 Que as vossas mesas  
 Erguidas sobre os sorrisos festivos  
 Dos vossos olhares cantantes  
 Estalasses todos os limites das nossas Ilhas Verdes

E  
 Como as *andalas* abertas em sons musicais  
 Para o beijo das ondas brancas  
 Se distendessem em convite comunitário  
 Pela nossa imensa África  
 De lés a lés.

Que os vossos cozinhados gratuitos  
 Fossem pelo trabalho colectivo  
 Dos homens iguais convertidos

Na proporção das nossas dimensões  
 Como a lenda do pão e peixe dos cristãos  
 Amanhecer de sol sem vida.

Que as *taminas* se transformassem,  
 Em caldeiras transbordantes  
 De *Kalúlú* e de *izaquente* fumegantes  
 As canecas de vinho da palma  
 Em pipas incontáveis  
 Os garrafões  
 Em adegas inesgotáveis  
 O sentido religioso do vosso altruísmo  
 Em consciência política  
 Da comunhão social em toda a África.

Com os ilhéus do coração de África  
 Todos os famintos se deleitassem  
 Na alta e única refeição altruísta do Mundo.

Os homens nunca hibernam  
 Desafiam  
 E acabam sempre vencedores  
 Na transformação de tudo  
 Nem que seja  
 Ao preço de vidas encurtadas.  
 (BONFIM, p. 19-20)

Nesse poema, cujo o título está no *forro ou santomé*, o eu-lírico traz uma realidade típica da sociedade são-tomense, diferentemente do poema anterior. Ao longo de todo o poema, o eu-lírico traz marcas linguísticas são-tomenses, o que nos dá a ideia do lugar a que o sujeito poético se refere, o da pertença.

O título do poema **N'tlãche gleza** significa “Atrás da Igreja”, segundo as nossas pesquisas, pautando também no dicionário do forro a grafia não está correta, a correta seria “Tlaxi glêza”, acreditamos que isso acontece porque no período da publicação do livro o *forro* ainda não tinha uma grafia padronizada.

Segundo Lúcio Neto Amado (2014) “Tlaxi glêza” é um almoço realizado na parte de trás da igreja, geralmente os indivíduos fazem quando termina a Procissão, que é uma das etapas da festa religiosa da freguesia. Tradicionalmente “Este era um ritual fortemente marcado pelos «juízes» de festa e que passava de geração em geração, marcando o ponto mais alto de toda a cerimónia festiva.” (AMADO, 2014, p. 5). Assim, ao trazer esse dado cultural, o eu-lírico já delimita a que sociedade, ele se refere ao demonstrar as práticas culturais.

Na primeira estrofe, o sujeito poético mostra um dos seus anseios, este almeja que haja a união e partilha. Quando este enuncia “Queria, inem juche mom shiô[...]” a grafia não está correta, segundo o dicionário de forro, citado anteriormente, a grafia deveria ser “inen zuji mom xinhô”, este se refere aos “juízes” dessas festas religiosas, mostrando que o seu desejo é que estes propagassem todo esse ambiente (de todos poderem comer após as festas e procissões) por todas as Ilhas Verdes e também por toda África. Percebe-se que durante todo o poema o eu-lírico apela por essa comunhão social não só nas ilhas, mas também em toda África, de certa forma que resulta numa carga de idealização.

Assim, com a análise de mais um dos poemas do poeta Aíto Bonfim, percebemos que o escritor procura construir marcas, peculiaridades que se associem a S. Tomé e Príncipe, por via de um tema específico da sociedade são-tomense e reforça a ideia de que o país não está apartado do resto do continente. Embora, África também desponte em sua escrita, o autor, como crítico social, dá voz a um eu-lírico que apela pela coletividade e união do povo são-tomense. O autor, a partir do eu-lírico, traz um dado cultural de cunho religioso, para repensar a ideia de união. Podemos concluir, que essa insistência em trazer como assunto a união e a coletividade é uma forma de questionar a necessidade de o povo pensar no coletivo.

### 3.2 CONCEIÇÃO LIMA

De outro lado, temos a escritora Maria da Conceição Costa de Deus Lima, também conhecida por Conceição Lima, a poeta nasceu em 8 de dezembro de 1961. É uma escritora do período da pós-independência e configura-se como um expoente crítico da realidade sociocultural de São Tomé e Príncipe. Destaca-se com publicações de obras poéticas: *O Útero da Casa* (2004), *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006), *O País de*

*Akendenguê* (2011) e *Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico* (2015), nelas o eu-lírico dá voz e dialoga sempre com a realidade são-tomense.

Apesar desta pertencer ao período pós-independência, em suas obras podemos observar uma forte recorrência de poemas com temática a época colonial. Na maioria das vezes, esse retorno ao período colonial é representado a partir de crítica ao sistema colonial, menções feitas aos heróis nacionais e personagens que fizeram parte da sociedade são-tomense durante este período.

A sua poesia, também, constrói um diálogo com a realidade atual do país. Assim como a escritora Alda do Espírito Santo, a autora também dá voz à sujeitos poéticos que questionam e trazem à tona reflexões bastante pertinentes sobre a sociedade são-tomense, sempre tecendo uma análise de caráter reflexivo sobre a sociedade e os indivíduos que nela transitaram e transitam. Muitos dos anseios e apelos feitos nos poemas de Alda do Espírito Santo são retomados nos poemas de Conceição Lima, como uma forma de questionamento e reflexão, se aqueles desejos e os anseios pelos quais a autora tanto cantou em seus poemas se realizaram na sociedade. É nesse sentido, que buscaremos traçar um diálogo entre o sujeito poético trazido nos poemas de Conceição Lima com a realidade são-tomense.

Inicialmente, podemos construir esse diálogo, entre o sujeito poético e a realidade são-tomense, pelas marcas linguísticas trazidas pelo eu-lírico. Este traz uma variação linguística que carrega marcas do falar típico são-tomense o que, de certa forma, retrata uma realidade específica do lugar de fala do sujeito poético. Em segundo lugar, podemos observar esse diálogo por meio de fatores históricos, sociais e geográficos do país, que em muitos poemas o eu-lírico mostra ter grande conhecimento. Ao cantar em seus poemas sobre esses fatores citados anteriormente, o sujeito poético confirma que a realidade a que ele faz referência é a da sociedade são-tomense.

Podemos citar os diversos exemplos que aparecem na sua obra *O Útero da casa*, em que alguns poemas têm como título personagens que transitaram na sociedade são-tomense ou fazem menção a eles durante o poema, como é caso dos poemas **Daimonde Jones** e **Kalua**.

Nesses dois poemas, o sujeito poético apresenta ao leitor duas vidas que foram levadas à São Tomé e Príncipe no período colonial, o eu-lírico faz referência sobre as circunstâncias que os levaram para o arquipélago fazendo um pequeno resumo dos dilemas que estes passaram, no que diz respeito a questões identitárias e de como esses são repelidos pela sociedade (sempre visto como o outro, alguém que está à margem do

ser são-tomense), como podemos ver a seguir, a polarização sobre os que foram trazidos para o confronto entre espaço interior e exterior:

### DAIMONDE JONES

Nas minas da África do Sul  
 Seu nome ronga ou xope ou xangane  
 Ficou sepultado  
 [...]
 Não reside em Santa Margarida nem em Porto Alegre  
 Nem na Aldeia Murça nem em Água Izé  
 O coração da cidade o acolhe e o repele...  
 (LIMA, 2012, p.31)

Além da citação desses personagens, o sujeito poético também faz alusão às localidades existentes na cidade de São Tomé, dando a conhecer alguns aspectos relativos à geografia do país. Este cita, por exemplo, as localidades de “Pantufo”, “Mesquita”, “Riboque”, “Budo-Budo”, “Santa-Margarida”, “Água Izé”, “Porto Alegre”, “Santana” e outras mais, em seus poemas.

Ainda nesta senda, o sujeito poético a quem se dá voz também apresenta vários vocábulos em *forro* ou *santomé*, que é uma das línguas faladas em São Tomé e Príncipe, como “Men-Lôfi”, “Quixibá”, “Oca”, “Makêkê” ... o que retrata ainda mais essa relação do eu-lírico com a pertença são-tomense. Nesse sentido, podemos fazer um diálogo direto entre os poemas da autora com a realidade são-tomense, se atentando ao conteúdo, a forma e os diferentes tipos sociais.

Além da realidade trazida pelo eu-lírico, podemos pensar na própria realidade da escritora que é quem dá voz ao eu-lírico. Poderíamos pensar: será que pelo fato da autora ser são-tomense isso tem a ver com a voz do sujeito poético e a realidade enunciada por este?

Uma vez que o escritor e o público estão em constante diálogo por meio da obra, como nos mostra Candido (2014), podemos pensar que a escritora tem as suas obras como o meio de comunicar com o povo, ou seja, o público que receberá a sua obra. Daí essa necessidade de trazer um sujeito poético que conhece e aborda sobre as questões e os

problemas da sociedade em que ambos estão inseridos. Problemas esses, observados a partir dos olhos da poeta, isto é, que parte do seu ponto de vista individual como sujeito inserido na sociedade.

Para corroborar com essa ideia de diálogo entre o escritor e o público acrescentamos mais uma passagem do crítico brasileiro:

Na medida em que a arte é — como foi apresentada aqui — um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel.

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público. (CANDIDO, 2014, p.47-48)

Como vemos, portanto, é a obra, de certa forma, que sela esse diálogo entre o público e o autor. E é a partir desse vínculo que o autor exerce a função de crítico social. Assim sendo, voltemos para um dos poemas de Conceição Lima:

### **PROPOSTA**

Apaguem os canaviais, os cacauzais, os cafezais

Rasurem as roças e a usura de seus inventores

Extirpem a paisagem da verde dor de sua íris

E eu vos darei uma narrativa obliterada

Uma esparsa nomenclatura sedenta de heróis.

(LIMA, 2012, p.30)

O título do poema já nos remete à ideia de “sugestão”, dando um indício do convite ao leitor, ou até mesmo o apelo para que escute a proposição. Se repararmos nos verbos, “Apaguem”, “Rasurem” e “Extirpem” podemos aperceber dois fatos: que estes estão no modo imperativo e, quanto ao número, a flexão dos verbos nos mostra que o eu-lírico se direciona a um grupo e não a uma pessoa, novamente daremos conta da coletividade.

Este sugere que “apaguem os canaviais, os cacauzais, os cafezais”, que “rasurem as roças e a usura de seus inventores” e que “extirpem a paisagem da verde dor de sua

íris” e em troca, se os seus interlocutores realizassem o seu pedido, este daria uma “narrativa obliterada/uma esparsa nomenclatura sedenta de heróis”. Percebemos que o eu-lírico apresenta uma condição e faz uma promessa, a modos do processo do capital. Se esta condição for atendida este cumprirá a promessa, “se vocês fizerem isto eu vos darei aquilo”. Podemos entender claramente, a partir desses versos, que há um direcionamento das palavras enunciadas pelo eu-lírico a um grupo, que pode estar desdobrada em ironia.

Outro ponto importante, que devemos realçar, são os vocábulos utilizados pelo eu-lírico. Este não pediu que apagassem, rasurassem e extirpassem qualquer coisa. Ele delimitou cada ponto do seu desejo. E são para essas palavras que devemos nos atentar.

Se nos recorremos ao passado histórico são-tomense, perceberemos que todos esses vocábulos estão relacionados com o passado colonial. Durante o período colonial, eram esses os produtos que os colonizadores exploravam e que eram a base da economia:

No século XV e XVI as suas estruturas sociais definem-se sobretudo a partir da produção de açúcar e no comércio de escravos. [...] No início do século XIX, porém, com a exploração do café e depois do cacau, São Tomé entra numa nova fase do seu desenvolvimento. (FERREIRA, 1976, p.422)

Foram nas plantações de cana, cacau e café que muitos sofreram a agrura destes que se apossaram das terras. Assim, pode-se perceber que mesmo tendo já passado esse período esses elementos ainda representam marcas do colonizador. É como se de uma forma metaforizada, o eu-lírico pedisse que o seu interlocutor, que se pressupõe ser o povo são-tomense, esquecesse ou se desvinculasse de tudo que remetia ao colonizador.

Se repararmos no verbo “extirpar”, verbo utilizado pelo eu-lírico, percebemos que ele intensifica ainda mais esse sentimento de desvinculação com o que é do colonizador, pois ele pede que arranque pela raiz, como que não quisesse deixar nenhum vestígio. O sujeito se vale do valor semântico que esse verbo carrega, para reforçar uma ideia. Geralmente, não se faz o uso do verbo “extirpar” para coisas boas, mas, sim, para coisas ruins, como doenças ou ervas daninhas, etc. Assim, a escolha dos verbos, e o próprio valor semântico que estes carregam, reforçam a ideia de rejeição, do desejo de apagamento do que pode representar um vínculo com o passado colonial.

E como promessa, o eu-lírico propõe nada mais que uma “narrativa obliterada”, isto é, sem vestígios do colonizador, mas para isso teriam que se desvincular antes.

Metaforicamente é como se o eu-lírico desejasse reescrever a narrativa antiga, extirpar todas as marcas deixadas e ter um novo recomeço.

Assim sendo, a partir da análise desse poema, podemos concluir que o sujeito poético propõe que o seu interlocutor quebre o vínculo com o colonizador, para que este construa uma nova narrativa sem vestígios e, a partir das marcas linguísticas, percebe-se que este atribui ao colonizador um valor negativo, quando associa o colonizador a vocábulos com carga semântica negativa.

Ainda nessa senda, um outro ponto que nos chama atenção nesse poema é a retomada ao passado, que se torna frequente na obra da escritora. Esta traz sempre um eu-lírico que evoca o passado, trazendo temas do período colonial, apesar de fazer parte do período da pós-independência, como observamos no poema anterior. Podemos, hipoteticamente, entender essa retomada ao passado como uma crítica. Se pensarmos na literatura como uma “ferramenta” para tratar daquilo que pode ser e não daquilo que é, essa retomada conduz o leitor a repensar, refletir, sobre o passado, para avaliar e construir o futuro, isto é, uma crítica para transformar.

Para entender melhor esse interminável regresso ao passado, vejamos o poema a seguir:

### **MOSTRA-ME O SANGUE DA LUA**

Mostra-me o sangue da lua  
 agora que os mortos repousam  
 em arcas marinhas  
 abertas

Mostra-me o sangue da lua  
 agora que a praia cuspiu  
 a náusea do mar  
 e o nojo das rochas  
 petrifica os gritos que não ouvi

Mostra-me o sangue  
 o sangue e as veias da lua  
 quando as línguas decepadas  
 ressuscitarem

em Fernão Dias no mês de Fevereiro.

(LIMA, 2012, p.28)

Neste poema, o eu-lírico volta ao passado ao fazer menção a uma data histórica para a sociedade são-tomense, que é o dia três de fevereiro, que é conhecido como o dia do “Massacre de 1953” ou “Massacre de Batepá”.

Período que tem como palco a cidade de São Tomé, precisamente na praia de Fernão Dias, ainda no período colonial. Esta data é considerada uma data sangrenta para o povo são-tomense, pois nesse período muitos são-tomenses foram mortos pelo colonizador. A data, feita memória coletiva, é convocada quando o sujeito poético, no último verso, enuncia “em Fernão Dias no mês de Fevereiro”.

Desde o título do poema o sujeito já traz a palavra “sangue”, que pode nos remeter tanto a vida como a morte. E ao longo do poema vai metaforicamente dando mais detalhe deste período, como observamos na primeira estrofe, “Mostra-me o sangue da lua/agora que os mortos repousam/em arcas marinhas/abertas”. O eu-lírico traz a metáfora de “arcas marinhas”, para fazer referência ao mar de Fernão Dias que foi o cemitério de vários corpos sem vida, durante o Massacre de 53.

Nos três últimos versos, “quando as línguas decepadas/ressuscitem/em Fernão Dias no mês de Fevereiro”, o eu-lírico regressa ao passado para fazer referência ao presente, pois já se tornou uma tradição em São Tomé e Príncipe todos os dias três de fevereiro a população fazer uma marcha até a praia de Fernão Dias, em homenagem ao dia fatídico, a referência repete-se na realidade do ato como se fosse a ressurreição dos que partiram. Mostrando que, de certa forma, o presente está ligado ao passado, pois todos os meses de fevereiro as “línguas decepadas ressuscitarão”. Uma vez que, em toda ilha o assunto central é o Massacre de 1953. É como se as línguas dos que estão vivos no presente pudessem falar por aqueles que tiveram as suas decepadas no passado, como se ao lembrar os que partiram nessas datas eles se pudessem, na memória, ter voz.

Ao analisarmos os poemas de Conceição Lima podemos perceber que o eu-lírico regressa sempre ao passado, refletindo sobre um tempo que já passou, mas que ainda possui vestígios, marcas que se encontram latente na sociedade, como vimos no poema “Proposta”. O eu-lírico propõe o apagamento desses traços e sugere uma (re)escrita sem marcas daquilo que para ele não é bom, que nesse caso seriam as marcas deixadas pelo colonizador.

A partir da voz do eu-lírico, a escritora consegue dialogar com o povo, e mostrar o que precisa ser desenraizado da sociedade. É a partir do eu-lírico que a escritora dialoga com a sociedade em que está inserida, conforme também ensina Antonio Candido “o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social” (2014, p. 83-84).

Assim, através da obra a autora consegue chegar ao público e fazê-los questionar sobre o que está a sua volta. Nesse primeiro momento, observamos esse tom reflexivo no que diz respeito ao regresso para o passado. É como se o eu-lírico fizesse uma combinação entre o passado e o presente. Este demonstra conhecer o passado e anseia coisas novas, mostrando assim caráter esperançoso. É olhando para o passado que ele conseguiu observar as marcas deixadas que precisavam de ser apagadas para que o povo tivesse uma nova história. O eu-lírico não faz simplesmente enumerações, ele recorre ao passado, trazendo imagens e lembranças, para pensar um novo presente e é isso que nos faz reconhecer nele esse olhar reflexivo.

Para corroborar com essa ideia, vejamos o lugar da poesia, segundo o crítico Alfredo Bosi:

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. A poesia pertence à História geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema. (2010, p.13).

Conceição Lima traz, assim, um sujeito poético bastante atento aos problemas são-tomenses, que passeia pelo passado sem nunca esquecer do presente. Podemos entender que para o sujeito poético essa constante ida ao passado se faz necessária, não apenas para dar a conhecer aos leitores o passado histórico de São Tomé e Príncipe, mas para uma chamada de atenção sobre o presente e para o seu público ter a noção de que o presente precisa ser diferente do passado.

E se pensarmos na realidade dos países do PALOP (Países Africanos de Língua Portuguesa), observamos que essa ligação é ainda maior. Pois mesmo os países sendo independentes (porque conquistaram a independência), ainda há um vínculo de dependência com aquele que outrora foi o seu colonizador. Principalmente no que diz

respeito a questões econômicas e no que se refere ao modelo neoliberal da economia, que em muito se assemelha ao manejo do capital, ao longo do processo colonial.

Dito isso, ao lado dessa convocação do passado, podemos elencar na poesia de Conceição Lima uma forte crítica à sociedade são-tomense atual, feitas a partir de temas e tipos sociais que problematizam a realidade do país.

O poema a seguir, presente em seu livro *A dolorosa raiz do micondó*, apresenta um retrato da realidade de uma das localidades do país, cujo o nome dá título ao poema. O eu-lírico apresenta uma visão paradoxal da localidade, pois ao mesmo tempo em que o local é o centro de muitos acontecimentos, ao mesmo tempo não é valorizada. Assim como essa localidade várias outras vivem os mesmos dilemas.

### **PANTUFO**

[...]

Eis que Pantufo não é cidade

Pantufo não ostenta forais

Pantufo não está nos postais

Pantufo não vem nos jornais

Pantufo não inspira jograis.

Pantufo tem cara de mar

Pantufo tem sede de praia

Pantufo cheira a peixe cru

cheira a vento.

Tem canoas centenárias

Redes esticadas, tensas

como varizes

Pescadores altivos, tenazes

como remos

Esgazeados casebres

Gamelas acoradas

à beira da estrada

[...]

Políticos trapaceiros

que traficam votos e pão

Eleitores matreiros

que devoram o voto e o pão

[...]

Palayês turbulentas

Irmãs da alvorada

[...]

Tudo isso tem Pantufo

Vila ou aldeia ou luxam

Pantufo cidade amanhã

Pantufo

sem montras, sem néon, sem estátuas

Pantufo

sem fábricas, sem esgotos, sem praças

Agreste recanto que em mim pulsas

Artéria de sal que em mim vibra

Tão aquém do mistério

Tão além de Lisboa.

Fizemos um recorte do poema para destacar o que nos é importante para essa análise, isto é, o foco na atualidade são-tomense. O primeiro ponto a destacar é que o eu-lírico inicia o poema na primeira pessoa do singular e na metade deste assume o lugar do sujeito que apenas observa e vai enunciando o que vê, e no final retorna à primeira pessoa. O outro fato importante é que a voz do eu-lírico se confunde com a da autora, pois este traz marcas que são a recuperação e reelaboração da experiência da autora, fazendo com que o poema adquira um carácter mais intimista, como pode-se ler na primeira estrofe, “Em Santana nasci/No Budo-Budo brinquei/Em São João da Vargem cresci”.

Apesar do eu-lírico afirmar que nunca morou em Pantufo podemos ver ao longo do poema que, tanto pela sua fala, como pela maneira como vai descrevendo o local, é um lugar que chama a sua atenção.

O sujeito poético detalha minuciosamente as características de Pantufo, mostrando o que há de bom, de ruim e tece críticas a sociedade perante a realidade desta experiência.

O eu-lírico também traz alguns tipos sociais nesse poema, como “pescadores” e “*palayês*”, a quem este chama de “irmãs da alvorada”, mostrando assim um vínculo de proximidade com estas.

Na sétima estrofe o sujeito poético mostra como Pantufo é um espaço que não é lembrado e que não logra de vantagens que algumas outras cidades logram, “Eis que Pantufo não é cidade/Pantufo não ostenta forais/Pantufo não está nos postais/Pantufo não vem nos jornais/Pantufo não inspira jograis”. “Outras cidades” a que referimos são as que não tem as mesmas características que Pantufo, não são regiões piscatórias.

Essa é uma realidade são-tomense que a autora crítica nesse poema, o eu-lírico mostra que as localidades piscatórias são as que os seus habitantes vivem em condições desfavoráveis e são as que geralmente são “esquecidas” e, quase sempre, lembradas apenas quando convém aos dirigentes do país, uma realidade cruel para um país que é cercado de mar. Não é uma realidade apenas de Pantufo, mas de muitas outras localidades semelhantes e ao trazer essa realidade é como se a autora chamasse a atenção para todos as outras, para a maior parte do território das ilhas, a ideia tem força em dar visibilidade ao que não é motivo de orgulho, embora pudesse ser. Tal ideia é tão marcada que a reiteração da preposição “sem” trazida pelo sujeito poético clareia o valor semântico da palavra, intensificando, assim, essa questão do esquecimento e da desvalorização. Como vemos: “Pantufo/sem montras, sem néon, sem estatuas/Pantufo/sem fábricas, sem esgotos, sem praças”. Essa ênfase demonstra o interesse da autora em chamar a atenção do leitor para os problemas sociais.

É importante realçar que a autora, ao trazer em seu poema a representação dessa localidade, contrariou tudo o que é o usual. Como por exemplo, ao utilizar a letra maiúscula sempre que menciona “Pantufo” deslocando-a do seu lugar usual de não cidade, dando a ela mais visibilidade e importância, desta forma, ao usar a mesma localidade como o tema central do poema mostra que essa localidade, como outras não privilegiadas, também pode ser protagonista e inspirar.

Dessa forma, exalta e dá lugar para o que antes era invisível e desmerecido. É como se a autora, assumindo o papel de crítica social, lutasse contra a realidade, mostrando, assim, mais uma vez que, na escrita, ela pode dar voz aos que não tem e mostra o desleixo dos dirigentes e da própria sociedade perante determinada situação, isto é, a literatura pode, sim, ser uma arma de luta.

Outro ponto que o eu-lírico tece crítica no poema é a índole dos políticos. Este os categoriza como “Políticos trapaceiros/que traficam votos e pão”. Esses versos mostram

de forma escancarada a visão do eu-lírico sobre os políticos. Se atentarmos para o adjetivo e os verbos utilizados percebemos que o eu-lírico não sustenta uma visão positiva.

Como vimos anteriormente, Pantufo é esquecida, “não inspira jograis”, porém atrai os políticos, ou seja, quando lhes convém ela é lembrada. E como é trazido no poema, não é qualquer data, pois o eu-lírico faz referência a votos, o que nos remete ao período de eleições, onde estes “traficam votos e pão”. Ao trazer esse fato o eu-lírico denuncia a ação corrupta. Talvez por isso apresente duas faces que a localidade de Pantufo vive: uma em que ela é esquecida e outra em que ela é lembrada. Porém, essa lembrança não é positiva e muito menos com intuito de ajudar, mas, sim, para que os mesmos que outrora esqueceram tirem proveito dos seus habitantes.

É importante realçar que a autora não tece apenas críticas a realidade política, mas, também, a população. O que mostra que a poeta se preocupa com os problemas da sociedade e está disposta a criticá-los e denunciá-los independentemente de quem os pratique, como podemos ver nos seguintes versos, “Eleitores matreiros/que devoram o voto e o pão”. Percebemos que os “eleitores”, ou seja, a população não é tão inocente, valendo pelo adjetivo utilizado, “matreiros”, pela autora podemos pressupor que estes também são dotados de habilidades, não são enganados facilmente, esses também utilizam das suas artimanhas ou astúcia, para “devorar os votos e o pão.”

O eu-lírico faz o uso da metáfora do “pão”, o que nos remete ao alimento e nos leva a refletir sobre a ideia de troca. De um lado que detém e do outro lado que precisa. Nesse caso, os políticos traficam o “pão”, que não precisa ser necessariamente algo alimentício, pode ser qualquer bem que os cidadãos que estão sendo aliciados precisam, e estes, como mostra o eu-lírico, devoram-nos. O que, para um são-tomense, ou estudioso das questões sociopolíticas do país remete logo ao fenômeno de “banho”, que acontece nas épocas eleitorais, como podemos ver na citação a seguir:

a compra de votos faz parte da cultura política em São Tomé e Príncipe, ou seja, este fenômeno é chamado de banho. O banho em STP significa a compra de votos e pode-se referir ao dinheiro e outros bens recebidos pelos eleitores dos candidatos ou seus representantes durante a campanha eleitoral (Vicente, 2014). O fenômeno é de tal maneira banalizado que existem indivíduos que não votam sem o tal banho e chega a haver reclamações caso não haja recompensa. A compra de voto no dia da eleição também é comum é denominado de Boca de Urna. (CEITA, 2015, p.15)

Podemos perceber claramente, que a autora denuncia essa prática, fazendo o uso da metáfora. Nesse poema, como dito anteriormente, o sujeito poético transita entre um sujeito que apenas observa e descreve o que vê, sem se comprometer com a realidade por

ele descrita, mas em outros momentos este se enuncia na primeira pessoa do singular, se comprometendo, ou seja, assumindo um posicionamento político-social na fala.

Assim como o eu-lírico inicia o poema na primeira pessoa, também o faz ao concluir, como que querendo afirmar quem é o autor da fala, que nesse caso, como vimos anteriormente, é a própria autora, pois o eu-lírico traz marcas autobiográficas. Esta apresenta nos primeiros versos essa não pertença “genealógica” à Pantufo, pois as suas raízes não estão ali e nunca estiveram, mas termina mostrando esse querer e essa proximidade pelo local, mesmo que invisível e esquecida, é um recanto que “pulsa dentro de si”. Podemos até atribuir um tom esperançoso, que apesar dos problemas ainda desperta as vibrações da experiência vivida.

Em suma, podemos concluir que a autora traz essas realidades não tão agradáveis, na maioria dos versos, para que os leitores possam refletir sobre essas realidades e questioná-la. E não tem como não fazer um vínculo com a sociedade são-tomense porque tudo no poema exala São Tomé, desde os cheiros do vento, do peixe, as palayês e os ditos “banhos” são marcas que demonstram um certo caráter identitário e comunitário com o país insular. E podemos também fazer essa associação com a realidade hodierna, como as eleições, por exemplo, e o tráfico de votos, o que nos permite situar esse poema com um forte engajamento na denúncia da mazela social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os poemas analisados, se atentado o contexto de cada período, podemos constatar que no período colonial nem todos os escritores são-tomenses desempenhavam a função de crítico social. Percebemos que isso acontece, no período colonial, pelo fato de a existência de duas gerações, no período colonial. Uma que é marcada pelos ideais da Negritude, cujo escritor Francisco José Tenreiro é o expoente máximo e outra que é o núcleo dos que vieram depois de Tenreiro que têm uma poesia anticolonial (cf. FERREIRA, 1976).

Assim, chegamos à conclusão que Tenreiro e outros escritores são-tomenses da sua geração (Costa Alegre, por exemplo), apesar de serem críticos sociais, seus textos não eram voltados especificamente à sociedade são-tomense, pois o foco destes era a Negritude, a valorização do negro e das suas culturas e a África como um todo. Importante ressaltar que há uma grande distinção entre a questão do negro que Costa Alegre traz em seus poemas, com a do Francisco José Tenreiro, segundo Ferreira (1976) Costa Alegre traz a expressão do “Negrismo” e não Negritude, pois ele traz uma visão alienada do negro, ele se prende na condição de humilhado, vê a questão de cor como um defeito, diferentemente de Tenreiro que valoriza e se identifica com o “ser Negro”.

Assim, as suas críticas englobavam o universo “Africano” no geral, como visto pela análise do poema **Coração em África**. Tenreiro exalta o homem Negro, denuncia a situação do negro no mundo e se assume como negro, colocando-se diversas vezes no lugar daquele que sofre inúmeras injustiças por ser indivíduo negro no mundo e na diáspora, sendo estas as causas que Tenreiro defende em seus poemas.

Encontramos, também, em seus poemas menção à terra que o viu nascer, marcas linguísticas, que não se configuram propriamente como crítica, mas a pertença e a identidade com a ilha. Francisco José Tenreiro não militou em uma luta anticolonial, como os da geração depois de 60, mas demonstrou sempre o seu afeto e interesse por São Tomé e Príncipe, profundamente, em seus escritos acadêmicos.

Em contrapartida, ao analisar os poemas de Alda do Espírito Santo, ao longo do período colonial, mas da geração posterior a Tenreiro, percebemos o seu compromisso com a causa nacional, bem ao modo como nos ensina Manuel Ferreira:

Não deixa de ser oportuno acentuar que estes poetas, revelados depois de 60, através da antologia da Casa dos Estudantes do Império, formam

um significativo naipe jogando em bloco na expressão dos desencontros sócio-económicos e, implicitamente, políticos da sua terra, constituindo-se assim num grupo verdadeiramente coeso no que há de profundo na sua mensagem, que, ao cabo e ao resto, aponta para a libertação. (1976, p. 447)

Dona Alda, com um olhar atento sobre o sistema colonial, trouxe nos seus poemas, vários sujeitos-poéticos que denunciavam as práticas coloniais, como vimos no poema **Onde estão os homens caçados neste vento de loucura**, que instiga o povo a lutar e a sair à rua. Ela consegue criar, a partir da sua obra, um vínculo carismático, com o público, até por sua experiência pública em São Tomé e Príncipe.

Além de usar o seu poema para a luta colonial, Alda do Espírito Santo também faz dos seus escritos uma ferramenta para conscientizar a população são-tomense sobre algumas práticas que a autora percebia não ser saudável para a sociedade. Denunciava as mazelas da sociedade, muitas delas frutos dos anos sobre o jugo colonial, chamava atenção para que os adultos e o governo investissem na educação das crianças, pois, para a autora, as novas gerações eram a esperança do país.

No período pós-independência, a partir da análise teórica interpretativa dos poemas, à semelhança do que constatamos no período colonial e no caso do poeta Aíto Bonfim, percebemos que, apesar deste pertencer a um período distante da luta pelos ideais da Negritude, o poeta, faz uma retomada do tema, cantando em seus poemas o homem Negro, a sua cultura e se identifica com o ser Negro e acrescenta o conceito mais denso de Africano, como é apresentado no poema **Sinto África**. É como se o escritor resgatasse os valores do período de Tenreiro. Porém, este apresenta algumas diferenças, como a valorização do amor, da unidade, da partilha e faz referência a força da religiosidade na sociedade são-tomense. Porém isso não o deixa alheio aos problemas da sociedade. Ainda para a estudiosa I. Mata:

A poesia de Aíto Bonfim, assumidamente engajée, resulta de inquietações dolorosas sobre o estado do continente africano, sobre o modus operandi dos seus políticos, sobre os desequilíbrios mundiais e, enfim, sobre a condição humana – sempre a partir do universo africano. A sua escrita revela assim, de um processo reflexivo que o poeta canaliza para a construção utópica de uma sociedade mais justa, um novo mundo de homens mais humanos (2002, p. 8).

Portanto, no que diz respeito ao poeta Aíto Bonfim, apesar de atuar como um crítico social, este tem mais forte o foco em África, como um todo, e não tanto na sociedade são-tomense em si, embora tenhamos destacado também as marcas linguísticas de proximidade com a terra de pertença.

Em contraponto, temos a escritora Conceição Lima que traz uma visão mais crítico-reflexiva, que questiona, reflete sobre a sociedade atual, e convoca o passado, não em um sentido nostálgico, mas sim como forma questionadora para poder refletir sobre o presente.

No poema mencionado anteriormente, **Daimonde Jones**, o eu-lírico regressa ao passado, traçando a trajetória de um sujeito trazido para São Tomé e que foi perdendo os seus traços identitários, discute sobre os dilemas que esse passara ao chegar a ilha. No mesmo poema o eu-lírico consegue mesclar o passado e o presente, assim como mostra o passado do sujeito, reflete sobre o presente dessa personagem. Um presente que não se diferencia tanto do passado, pois apesar da sociedade não estar mais sobre o jugo colonial, quem outrora foi responsável pelas atrocidades, esse sujeito não encontra um lugar na sociedade são-tomense, vive em condições precárias, é como se este fosse ainda um substrato daquela época, mas vivendo no presente.

Trazendo esse sujeito, acreditamos que a autora questiona e leva a sociedade a refletir sobre a realidade, porque no fundo este ainda se encontra em um solo não pátrio, vivendo de esmolas. Este ainda continua sendo um “hóspede”. De certa forma, essa leitura do “hóspede” estabelece uma relação de busca da origem e da presença humana nas ilhas, uma vez que o aporte histórico da colonização das ilhas, ainda costuma ser discutível.

A partir das análises percebemos que há um diálogo entre o discurso poético de Conceição Lima com o de Alda do Espírito Santo. A primeira retoma muitas críticas feita pela Dona Alda à sociedade da época, porém essa retomada adquire um tom mais reflexivo e questionador em Conceição Lima.

Como no poema **Roça**, o eu-lírico questiona os mortos “Que reino foi esse que plantámos?”. O sujeito-poético não está se direcionando diretamente aos mortos, é como se este retomasse a memória do passado para questionar o presente, pois é aquele reino plantado no passado que serve de morada ao presente.

Assim, podemos perceber que Conceição Lima representa um olhar que questiona a realidade do pós-independência face à dificuldade de obtenção dos direitos do cidadão, que as lutas anticolonialistas tanto cantaram e que a poesia de Alda do Espírito Santo buscou equilibrar.

Conceição Lima não fica só por aqui, percebemos que esta também apresenta uma preocupação no que tange à atual configuração sócio-política da sociedade, como vimos no poema **Pantufo**, citado anteriormente.

Dessa forma, um ponto importante que aqui ressaltamos é a constante retomada ao passado, pelos poetas são-tomenses, tanto no caso do poeta Aíto Bonfim que retoma princípios da Negritude, como Conceição Lima que retoma ao passado colonial, com certa amargura, porém com o intuito de preencher as possibilidades do futuro.

Ao nosso ver, os poetas aqui estudados convocam o passado como uma forma de equilibrar o presente da nação, é como se o passado de luta e protesto é que desse o direito a uma existência mais humanizadora, em um presente com mazelas que podem desequilibrar o futuro. Ao fim, é preciso dizer a função do poeta como crítico social, em menor grau em Tenreiro e seguindo em crescente graduação de Dona Alda para Aíto Bonfim e culminando em Conceição Lima, é cumprida com esmero e esperança.

## Referências

- AMADO, Lúcio Neto. **Há festa em Guadalupe?** Disponível em <https://www.telanon.info/wp-content/uploads/2014/10/festa-de-nossa-senhora-de-guadalupe.pdf>, último acesso em 05 de dezembro de 2017.
- ARAUJO, Gabriel Antunes; HAGEMEIJER, Tjerk. **Dicionário livre santome /português Livlu-nglandji santome/putugêji**. ed. São Paulo: Hedra, 2013.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: a literatura guineense e a narração da nação**. 2005. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa)–Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BAYER, Adriana Elisabete. **Poesia são-tomense: geografias em dispersão**. Tese de doutorado em Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- BONFIM, Aíto. **Aspiração**. São Tomé: Instituto Camões-Centro Cultural Português em São Tomé e Príncipe, 2002.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.
- CEITA, Nadza Jordão. **A comunicação política nas eleições de 2014 em São Tomé e Príncipe**. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Sociologia do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015.
- FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Literaturas Africanas de expressão portuguesa I**. Lisboa: Venda Nova, 1977.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. 2013. Disponível em [http://www4.pucminas.br/imagedb/mestrado\\_doutorado/publicacoes/PUA\\_ARQ\\_ARQ\\_UI20121019162329.pdf](http://www4.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQ_UI20121019162329.pdf), acesso em dezembro de 2017.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na Sala de Aula: Visita À História Contemporânea**. 2.ed. São Paulo: Selo negro, 2008.
- LIMA, Conceição. **A Dolorosa Raíz de Micondó**. Lisboa : Caminho, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O útero da casa: poesia**. 2.ed. São Tomé e Príncipe: Lexonics, 2012.

MATA, Inocência. **As Múltiplas Faces de um Intelectual**. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

\_\_\_\_\_. O texto colonial: uma questão estético-ideológica. In: ŠPÁNKOVÁ, Silvie. **(Des) colonização na literatura portuguesa contemporânea: breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades**. ed. Brno: Masarykova univerzita, 2014. p. 108-113.

PORTUGAL, Francisco Salinas. Francisco José Tenreiro e a Educação do Campo São-tomense. In MATA, Inocência. (Org). **As Múltiplas Faces de um Intelectual**. Lisboa: Edições Colibri, 2010. p. 289-304.

SANTO, Alda Espírito. **É nosso o solo sagrado da terra**. 2.ed. São Tomé e Príncipe: Uneas, 2010.

SEIBERT, Gerhard. **Camaradas, Clientes e Compadres: Colonialismo, Socialismo e Democratização em São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Vega, 2001.

\_\_\_\_\_. A Ilha de São Tomé (1961), de Francisco Tenreiro-uma releitura contextualizada. In. **Revista de Economia e Sociologia da Universidade de Évora**, v. 85, p. 69-88, 2008.

## Glossário<sup>5</sup>

**Makêkê:** Beringela amarga. *Solanum macrocarpon*.

**Men-Lôfi/ Menlofi:** redemoinho; deslocação veloz de massas de ar frequente na estação seca anunciadora de tempestade na estação das chuvas. Segundo um mito são-tomense, aquele que for colhido pelo epicentro será transportado para paragens imaginárias.

**Quixibá/Kitxiba:** Banana-prata. *Musa balbisiana*.

**Oká:** mafumeira; árvore associada no imaginário popular a forças malélicas, para cuja copa as bruxas desertam à meia-noite, segundo uma crença popular. *Ceiba pentandra*.

**Palayê:** Vendedor(a) ambulante. Revendedeiras de peixe ou produtos alimentícios locais.

**Sam/San:** Senhora

**Sum/Sun:** Senhor

**Safú:** uma fruta.

**Nozados/Nozadu:** Cerimónia ritual em memória dos mortos. Velório.

**Fermentada:** Cozida

**Macucu/Makuku:** Fogão rudimentar constituído por três pedras de características especiais assentes no chão.

**Vá plegá/Vamplega:** Técnica de construção de paredes à base de ramos de palmeira.

**Kalúlú/Kalu:** Prato típico confeccionado com óleo de palma, folhas, galinha ou peixe.

**Izaquente/Zêkentxi:** Fruta enorme que serve para confeccionar um prato típico que tem o mesmo nome da fruta.

**Micondó:** Árvore enorme; baobá, embondeiro.

**Ronga:** Língua falada no sul de Moçambique.

**Xope:** etnia e língua do sul de Moçambique.

**Xangane:** etnia e língua do sul de Moçambique.

**Pantufo:** Uma localidade piscatória de São Tomé.

---

<sup>5</sup> As traduções foram retiradas do dicionário **Dicionário livre santome /português Livlu-nglandji santome/putugêji** e do próprio livro de onde foram retirados os poemas para análise e feitas algumas complementações.